

REVISTA

LAMPEJO 

# CULTURA E EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DO JOVEM NIETZSCHE

David Rogério Costa de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a relação conflituosa que Nietzsche travou com a Cultura e a educação de seu tempo. Situando histórica e politicamente a crítica feita pelo autor às instituições de ensino e ao modelo de educação vigente na época e, identificando as forças que, de alguma forma, impulsionavam a cultura como sendo meramente egoístas e não visando a um objetivo superior, que aqui não se trata de outra coisa senão a formação e o cultivo do gênio. E, por fim, apontando para a necessidade de lutar pelo gênio, criando os estabelecimentos de ensino propícios para o seu nascimento e cultivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Educação. Formação. Gênio.

**ABSTRACT:** This article discusses the conflictive relationship that Nietzsche had with Culture and education of his time. By historically and politically situating the criticism made by the author to the institutions of education and to the model of education in force at the time, and identifying the forces that, in some way, impelled the culture as being merely selfish and not aiming at a higher objective, which is nothing else the formation and cultivation of genius. And, finally, pointing to the need to fight for genius, creating educational establishments conducive to their birth and cultivation.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [davidrogerio91@gmail.com](mailto:davidrogerio91@gmail.com)

**KEYWORDS:** Culture. Education. Formation. Genius.

### **UM PENSAMENTO INTEMPESTIVO.**

O que nos interessa neste artigo é justamente o caráter de desaprovação e de embate que Nietzsche travou com a cultura, ou com tudo o que se chamou de cultura em seu tempo, em outras palavras, é o seu caráter intempestivo. Nietzsche tinha um nome para o homem conformado com seu tempo e com a cultura de seu tempo: “de fato, todo aquele que pensa como pensa a opinião pública vendou os próprios olhos e tapou os próprios ouvidos... essa espécie de homens, quero chamá-la por seu próprio nome: são os filisteus da cultura”<sup>2</sup>. O filisteu da cultura é ainda aquele “que é incapaz de criar, limitando-se a imitar ou consumir, submetendo a cultura às leis que regem as relações comerciais”<sup>3</sup>.

Nietzsche entendia por cultura “a unidade do estilo artístico através de todas as manifestações da vida de um povo”<sup>4</sup>. Mas não é o fato de ter adquirido muito conhecimento que constitui uma verdadeira cultura, pelo contrário, muitas vezes, para Nietzsche, isso pode resultar até mesmo na barbárie de um povo. A verdadeira cultura, para Nietzsche, é algo inseparável da vida, e nasce justamente da necessidade vital de um povo, ou seja, “de todos os seus instintos e dons, de modo que frutifiquem em ações e obras e criem, no estilo da obra de arte, uma unidade viva”<sup>5</sup>.

Dominavam, no século XIX, duas correntes principais de cultura, que Nietzsche considerava igualmente nefastas para a verdadeira cultura, uma que pregava a expansão da cultura e outra que pregava a sua redução e enfraquecimento. Esse assunto recebe especial importância em *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*:

Assim, me pareceu que se tratava de distinguir duas orientações principais: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos, mas unidas nos seus resultados, dominam atualmente os estabelecimentos de ensino: a tendência à extensão, à ampliação máxima da cultura, e a tendência à redução, ao enfraquecimento da própria cultura. A cultura, por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha a serviço não importa de que

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Primeira Consideração Intempestiva: David Strauss Sectário e Escritor*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Ed. Escala, 2008. p.19. Usaremos, doravante, a abreviatura UB/CoEx – I.

<sup>3</sup> BORGES, André de Barros. *O Ensino Nietzscheano Através do Gênio Para a Formação de Um Novo Tipo Humano*. 2004. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). – Departamento de Filosofia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p.27.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. UB/CoEx – I. p.19.

<sup>5</sup> DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991. p.87.

outra forma de vida, do Estado, por exemplo<sup>6</sup>.

A primeira tendência, da expansão da cultura, é para Nietzsche um dos dogmas da economia política (teremos oportunidade de tratar melhor deste tema mais adiante), que prega, como objetivo último da cultura, a utilidade e o lucro. A cultura deve ser, portanto, o meio pelo qual um povo alcança uma forma de ganhar dinheiro e, por conseguinte, a felicidade. Há um grande perigo nesta expansão máxima da cultura, para Nietzsche “a cultura tão universal quanto possível enfraquece a tal ponto a cultura, que ela não pode mais admitir qualquer privilégio ou garantir qualquer respeito. A cultura mais universal é exatamente a barbárie”<sup>7</sup>. A extensão da cultura também é desejada em outros dois casos. Quando o Estado pretende se afirmar sobre seu povo e sobre outros Estados, e se fortalece colocando a cultura sob seu jugo, e também quando um povo é muito severamente atingido pela opressão religiosa, e clama pela cultura, para ter meios de livrar-se dela.

Do outro lado, a tendência da redução da cultura é bem mais silenciosa e encontra alguns ouvidos nos meios acadêmicos, ela é aquela do homem de ciência, do erudito. Para Nietzsche, é um erro compreender como homem culto unicamente o erudito, isso é típico de uma época que não se pergunta mais sobre o valor da ciência. É também o reflexo da divisão do trabalho nas ciências, criando a figura do especialista, que prejudica e enfraquece a cultura “a divisão do trabalho nas ciências visa praticamente o mesmo objetivo que aquele a que visam conscientemente aqui e ali as religiões: a redução, ou seja, o aniquilamento da cultura”<sup>8</sup>. Dessa forma, o especialista que, mesmo com boa vontade, se dedica em sua tarefa particular, acabará por ficar indiferente a todo resto, ou seja, todo um mundo de importância que para ele passará despercebido: “assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para ferramenta ou uma máquina determinadas...”<sup>9</sup>.

Essas duas tendências, no entanto, se encontram em um determinado ponto, o jornalismo. Para Nietzsche, o jornalismo substitui a verdadeira cultura, ele é como uma trama de cola viscosa, diz Nietzsche, que cimenta todas as formas de vida juntas, ou seja, que trata sem critério e seleção

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino. I Conferência. In: Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro : PUC – Rio ; São Paulo : Ed. Loyola, 2011. p.72. Usaremos, doravante, a abreviatura ZBA/FEE.

<sup>7</sup> *Ibidem. I Conferência. p.74.*

<sup>8</sup> *Ibidem. I Conferência. p.76.*

<sup>9</sup> *Ibidem. I Conferência. p.75.*

de todas as artes, ciências e classes sociais. Ainda sobre o jornalista diz Nietzsche “o jornalista é o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre, daquele que livra do momento atual”<sup>10</sup>. Aqui temos a clara oposição, o gênio, intempestivo, vem para livrar do momento atual, ou seja, romper com o processo da simples identificação com as ideias dominantes de uma época, enquanto o jornalista e o filisteu, ao contrário, dão seguimento a esse processo, aprisionados e aprisionando os outros cada vez mais na estupidez e na mediocridade do momento, da época. Em sua dissertação *O Problema da Formação (Bildung) Em Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, Rodrigues trata da seguinte maneira essa questão:

E dentro deste modo limitado de lidar com o conhecimento, afastado da discussão sobre o valor da vida, distribuído a círculos cada vez maiores e ao mesmo tempo, especializado, faz com que a cultura moderna dê forma a um tipo específico para esta condição: o jornalista. Nietzsche chama o jornalista de “mestre do momento”, porque para falar a um público amplo é preciso simplificar a linguagem e ao mesmo tempo tomar o conteúdo especializado que emerge dessa “cultura”. Logo o jornalista consegue resumir estas condições, tratando o conhecimento como mera opinião do momento, falando de arte, de ciência e de pensadores, assumindo e tomando o discurso de artistas, cientistas e pensadores. Ou seja, vivem do instante, tomando para si o gênio de outros homens, tomando a direção do pensamento que o momento propicia<sup>11</sup>.

## AS INSTITUIÇÕES E AS TENDÊNCIAS DE ENSINO.

Nietzsche considerou o *Gymnasium* (o equivalente aos nossos ensinos fundamental e médio), como o centro motriz do processo educacional, segundo ele, até mesmo a Universidade seria então somente o resultado e a continuação das tendências educacionais aplicadas no *Gymnasium*. Portanto, qualquer renovação e purificação realizados no modelo educacional deveriam ser realizados primeiramente nele. Nietzsche identificou, nessas renovação e purificação necessárias, pelo menos quatro pontos essenciais. O primeiro ponto, que é especialmente discutido em *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, é o ensino da língua materna, o alemão, e, de certa forma, é o ponto que permeia todos os outros.

Nietzsche demonstrou, de fato, uma profunda aversão à forma de ensino do alemão no ginásio, que se tornou selvagem, vulgar e sem rigor e, para Nietzsche, deveria chegar mesmo a causar um certo desgosto físico diante de algumas expressões comumente usadas. Nietzsche pretendia elevar em absoluto a importância e a seriedade dada ao ensino da língua, chegando

---

<sup>10</sup> *Ibidem. I Conferência. p.77.*

<sup>11</sup> RODRIGUES, Eduardo José Lobo. *O Problema da Formação (Bildung) Em Sobre o Futuro Dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

mesmo a dizer que toda cultura autêntica nasce do uso correto de sua língua, e que “aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela, este não tem mais em si o germe que convém a uma cultura superior”<sup>12</sup>. Portanto, um verdadeiro estabelecimento de ensino deveria cultivar nos alunos essa seriedade e respeito pela língua através do hábito de um rigoroso estudo dos clássicos, causando terror nos alunos menos dotados e nos mais dotados, entusiasmo. O que se encontrava no ginásio, no entanto, nem de longe vislumbra essa pretensão:

Aquele que sabe ordenar o que vai encontrar nas rubricas convencionais saberá também que é preciso considerar o ginásio de hoje como um falso estabelecimento de ensino: ele achará de fato que o ginásio, na sua constituição primitiva, forma não para a cultura, mas unicamente para a erudição e, em seguida, que, nos últimos tempos, ele tomou como tarefa não mais formar sequer para a erudição, mas unicamente para o jornalismo. E se pode mostrar desta maneira como é dispensado o ensino do alemão, que é um exemplo realmente comprovado<sup>13</sup>.

Essa erudição, mais propriamente a “erudição histórica” no estudo da língua, a que Nietzsche se refere, é o que nós podemos considerar como o segundo ponto de renovação necessária para o ensino no *Gymnasium*. De fato, essa tendência levava a encarar o estudo da língua apenas como um objeto do passado, ou seja, sem dar importância ao presente e ao futuro dessa língua, tratando-a assim como uma língua morta. Essa é então uma entre tantas tendências de ensino modernas que Nietzsche reprova: “a forma histórica se tornou a tal ponto comum na nossa época, que o corpo vivo da língua foi, ele também, sacrificado a seus estudos anatômicos”<sup>14</sup>. No entanto, é somente quando se começa a tratar o vivo como vivo que se pode então falar em cultura. Nietzsche considera que o dito interesse histórico, que tudo procura compreender e em tudo penetrar, pode ser prejudicial, já que é mais importante antes de conhecer, agir adequadamente. Nietzsche lembra ainda que esse método histórico é tão utilizado por ser mais fácil e cômodo para os mestres, por trás dos títulos e dos trabalhos pomposos, se esconde no fundo a facilidade e a comodidade. Já a verdadeira atividade da formação, que é de extrema dificuldade, não acarreta para si nada além do desprezo.

O terceiro ponto que vamos tratar é provavelmente aquele em que melhor transparece o caráter intempestivo do nosso autor. De fato, quando todos os estabelecimentos de ensino se encaminhavam para dar mais liberdade e autonomia aos seus alunos mais jovens, Nietzsche se mostrou contrário a essa ideia. Os jovens nessa época, segundo Nietzsche, passaram a ser

---

<sup>12</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *ZBA/FEE. II Conferência*. p.81.

<sup>13</sup> *Ibidem. II Conferência*. p.82.

<sup>14</sup> *Ibidem. II Conferência*. p.82.

submetidos a inúmeras tarefas que ainda não são capazes de realizar, como escrever autobiografias, descrevendo suas próprias vida e seu próprio desenvolvimento, além de produzir comentários sobre os clássicos. O sentimento de autonomia pode causar a ilusão e vaidade de que se é capaz daquilo que poucos homens já maduros são realmente capazes de realizar, a forma literária:

Estes temas de fato o obrigam a manifestar o seu juízo sobre as obras poéticas, ou a fazer entrar personagens históricos na forma coagulada de uma pintura de caracteres, ou a expor de forma autônoma graves problema éticos, ou mesmo, invertendo o foco, a esclarecer o seu próprio desenvolvimento e fazer de si mesmo um resumo crítico: em suma, todo um mundo de tarefas que exige uma reflexão profunda se abre diante de um jovem perplexo, que até aí era quase inconsciente, e que é abandonado à sua decisão<sup>15</sup>.

Mais absurdas ainda são as atitudes dos mestres diante dessas produções dos alunos. Para Nietzsche, os mestres em geral criticam justamente os excessos de forma e pensamento, ou seja, aquilo que é mais natural e característico dessa idade, portanto "é o indivíduo na sua acepção exata que é repreendido pelo mestre e rejeitado em proveito de um meio conveniente, privado de originalidade"<sup>16</sup>. Do outro lado, o que é medíocre e uniforme recebe elogios dos mestres. Portanto, essa tendência de ensino no ginásio exige originalidade ao passo que reprova a única originalidade possível.

Para Nietzsche, poucos são os que tem direito de fazer literatura ou mesmo ter opiniões sobre fatos e personagens históricos, então para ele uma educação correta deveria "aspirar, com todos os esforços, reprimir as ridículas pretensões de autonomia de julgamento e apenas habituar o jovem a uma estrita obediência sob a autoridade do gênio"<sup>17</sup>. Portanto, o que Nietzsche quer atacar ao criticar a autonomia no ginásio, é a ideia de "livre personalidade", que para ele é um sinal da barbárie e, também, mais um sinal do mau uso da língua, visto que o incentivo à produção desenfreada e vulgar só pode resultar em escritos medíocres em que se sobressaem a falta de estilo e caráter, a falta de sentido estético, enfim, os traços comuns do jornalismo e das produções acadêmicas.

O quarto ponto diz respeito à percepção de uma "cultura clássica" e do helenismo clássico. Nietzsche não vê dificuldade nenhuma em analisar o quão falsa é essa pretensa influência do modelo clássico no ginásio, bastando atentar para o quanto os Gregos e Romanos levavam sua língua a sério desde muito cedo. Como afirma Nietzsche sua impressão: "a mim me parece bem mais que, nesta

---

<sup>15</sup> *Ibidem. II Conferência. p.85.*

<sup>16</sup> *Ibidem. II Conferência. p.85.*

<sup>17</sup> *Ibidem. II Conferência. p.86.*

pretensão do ginásio de implantar a cultura clássica, se tratava somente de uma escapatória torpe, à qual se recorre quando se contesta de alguma maneira a capacidade do ginásio de formar para a cultura”<sup>18</sup>.

Como já dito, para Nietzsche, toda verdadeira cultura começa com o domínio de sua língua, portanto, falta ao ginásio o objeto básico, o solo fecundo onde pode crescer uma verdadeira cultura. É somente então através dos clássicos (alemães), que os alunos do ginásio poderiam compreender como o estudo da língua exige dificuldades e grande empenho, fazendo-os trilhar pelo mesmo árduo caminho dos grandes poetas. É somente assim que se pode criar nos jovens aversão ao que Nietzsche chama de “elegância” do estilo, referindo-se aos que escrevem romances nas “usinas do jornalismo”. Ele complementa: “mas a cultura começa por um caminhar correto da língua: o qual, quando começou bem, faz nascer logo, aos olhos destes escritores elegantes, um sentimento físico que se chama aversão”<sup>19</sup>.

É também somente através dos próprios clássicos alemães que se pode chegar ao helenismo clássico. Nietzsche afirma desde já a necessidade que todos têm de guias e mestres (assunto que será ainda discutido mais adiante), aos quais devem entregar-se a eles os que possuem desejo pela verdadeira cultura e seguir pelo caminho por eles trilhados:

Lá onde pouco a pouco é despertada a percepção diferencial da forma e da barbárie, batem pela primeira vez as asas que levam à verdadeira e única pátria da cultura, a Antiguidade grega. É verdade que na nossa tentativa de nos aproximar deste castelo do mundo helênico, infinitamente distante e cercado de muros de diamante, não iríamos muito longe, com o auxílio somente destas asas: mais uma vez, antes de mais nada, temos a necessidade dos mesmos guias, dos mesmos mestres, dos nossos clássicos alemães, para sermos arrastados pelo bater das asas de seus esforços para o antigo – para o país de nosso desejo, para a Grécia<sup>20</sup>.

Para Nietzsche, ainda, uma verdadeira percepção do helenismo clássico resultaria, em uma imediata hostilidade e em um combate incessante contra a cultura do tempo presente. Pelo contrário, o ensino oferecido no ginásio, que desprezava o estudo da língua materna, que aplica o viés histórico, que incentiva à autonomia, quando deveria levar os alunos ao contato com clássicos, tudo isso afasta da Antiguidade e torna os alunos em verdadeiros servidores do momento, ou seja, gera a imediata identificação de suas ideias com as ideias dominantes da época.

Há ainda um outro tipo de estabelecimento de ensino de que precisamos tratar, as escolas

---

<sup>18</sup> *Ibidem. II Conferência. p.87.*

<sup>19</sup> *Ibidem. II Conferência. p.90.*

<sup>20</sup> *Ibidem. II Conferência. p.92.*

técnicas. Nietzsche sabia reconhecer o valor que as escolas técnicas possuem, como lugares onde se ensina os conhecimentos da matemática, da geografia, onde se domina bem a língua, e se é instruído nos conhecimentos das ciências naturais. No entanto, tais escolas não podem ser entendidas como verdadeiros estabelecimentos de cultura, pois a verdadeira cultura não pode ser realizada no âmbito da mera "satisfação das necessidades", ou seja, a cultura não pode ser um simples objeto de seu "ganha-pão". Nietzsche ainda lembra que "trata-se aqui de instituições que se propõem superar as necessidades da vida; assim, portanto, podem prometer formar funcionários, comerciantes, oficiais atacadistas, agrônomos, médicos ou técnicos"<sup>21</sup>. Mas, uma educação que visa como fim último o ganho material ou um posto, não pode jamais ser considerada uma educação para a cultura, mas se encontra no âmbito da luta do indivíduo pela existência. Os próprios Ginásio e Universidade, todavia, não se distanciam muito das escolas técnicas, à medida que priorizam o ensino para a profissionalização.

#### **AS FORÇAS QUE INCENTIVAM A CULTURA.**

Citando Goethe, Nietzsche lembra que, independente do que pensem ou falem sobre seu objetivo último, os homens acabam sempre o perseguindo por um "impulso obscuro". Apesar de reconhecer o valor dessa frase, Nietzsche afirma ser necessário, ao identificar como o objetivo último da cultura, o nascimento do gênio, substituir esse "impulso obscuro" por uma vontade consciente. É preciso evitar que esse "impulso obscuro" seja manuseado e levado para outros caminhos que não o nascimento do gênio, tornando assim a cultura uma mera serva, o que para Nietzsche é justamente o que acontece: "e as potências que em nossos dias mais trabalham para a cultura alimentam precisamente os pensamentos dissimulados e não conduzem para ela segundo uma ótica pura e desinteressada"<sup>22</sup>. Essas forças ou potências que incentivam (de modo interessado) a cultura são também o que Nietzsche nomeia de "egoísmos" e ele enumera quatro deles.

O primeiro é o egoísmo dos negociantes. Essa potência incentiva a cultura com a condição de fazer de si o seu objetivo, ou seja, tornar a cultura um instrumento para realizar as leis e os desejos do comércio. A fórmula para isso Nietzsche resume assim "quanto mais houver conhecimento e

---

<sup>21</sup> *Ibidem*. IV Conferência. p.122.

<sup>22</sup> *Idem*. Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. In: *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro : PUC – Rio ; São Paulo : Ed. Loyola, 2011. p.216. Usaremos, doravante, a abreviatura *UB/CoEx – III*.



cultura, mais haverá necessidades, portanto, também mais produção, lucro e felicidade – eis aí a falaciosa fórmula”<sup>23</sup>. Para os seguidores dessa fórmula, a cultura tornou-se tão somente um meio para se suprir as necessidades e alcançar a felicidade. É preciso então formar homens “correntes”, não diferente de como se falaria de “moeda corrente”. E esses homens deveriam ser educados de modo a conseguir extrair o máximo de felicidade de acordo com o seu nível de instrução, estabelecendo assim uma ligação entre inteligência e propriedade, riqueza e cultura, o que é, segundo Nietzsche, obviamente, uma necessidade moral. No entanto, seria preciso medir a quantidade certa de cultura imprimida nesses homens, para não exagerar e acabar criando homens demasiado cultos: “não se atribui ao homem senão justamente o que é preciso de cultura no interesse do lucro geral e do comércio mundial”<sup>24</sup>.

A educação que torna um homem solitário, que visa a um fim superior ao dinheiro e ao lucro é, portanto, rejeitada em troca de uma educação rápida e estranhada, para formar sujeitos para ganhar dinheiro o mais rápido possível. Ainda se supõe aqui uma ligação necessária entre dinheiro e felicidade: “o homem tem necessariamente direito à felicidade terrestre, eis porque a cultura é necessária, mas somente para isto!”<sup>25</sup>.

O segundo é o egoísmo do Estado. Assim como o egoísmo dos negociantes, o egoísmo do Estado também busca incentivar a cultura, torná-la sua serva e fazê-la cumprir seus desejos, com a diferença que o Estado possui o poder e os meios mais eficazes para realizar seus objetivos. A ambição do Estado seria, portanto, canalizar em seu proveito as forças culturais de um povo, impedindo que elas se voltem contra ele, que sejam úteis e obedientes: “em todo lugar em que se fala agora de Estado cultural, se vê atribuir a ele como tarefa libertar absolutamente as forças espirituais de uma geração, para que elas possam assim servir e ser úteis às instituições existentes: mas não para ir além delas”<sup>26</sup>.

Nietzsche demonstrava especial preocupação com a doutrina filosófica que, a seu ver, colocava o Estado como o fim último da humanidade, e determinava que os esforços da cultura deveriam se encaminhar para auxiliar o Estado em suas tarefas: “reconheço nisso, não uma recaída no paganismo, mas na estupidez”<sup>27</sup>. E para Nietzsche, foi justamente a Prússia o Estado que mais

---

<sup>23</sup> *Ibidem.* p.216.

<sup>24</sup> *Ibidem.* p.217.

<sup>25</sup> *Ibidem.* p.217

<sup>26</sup> *Ibidem.* p.218.

<sup>27</sup> *Ibidem.* p.193.

levou a sério o direito de ser o guia e o regulador da cultura e da educação:

Este é um fenômeno novo e em todo caso original: o Estado aparece como o mistagogo da cultura e, ao mesmo tempo em que persegue seus próprios fins, ele obriga a todos os seus servidores a só se apresentarem diante dele munidos da luz da cultura universal do Estado: sob esta luz turva, eles devem reconhecer nele o objetivo supremo, como aquele que recompensa todos os seus esforços na direção da cultura<sup>28</sup>.

De fato, Nietzsche avaliava um "Estado cultural" como um fenômeno recente (até então), para ele "o Estado antigo se manteve exatamente tão distante quanto possível dessa consideração utilitária, que somente leva a admitir a cultura na medida em que ela é diretamente útil ao Estado..."<sup>29</sup>. Os gregos (único exemplo digno de ser seguido), ao contrário, sempre encararam o Estado como um assistente e um protetor da cultura, sem o qual ela jamais poderia florescer, nutrindo para com ele até mesmo um certo sentimento de admiração e reconhecimento:

O Estado não era para aquela cultura um guarda de fronteiras, um regulador, um superintendente, mas o companheiro de viagem, e o companheiro de andar vigoroso, forte, disposto ao combate, que escoltava através das rudes realidades o seu amigo mais nobre e, por assim dizer, quase divino, pelo qual se tinha admiração e do qual ele recebia em troca o reconhecimento<sup>30</sup>.

O terceiro egoísmo, Nietzsche atribuía àqueles que, conscientes de sua própria mediocridade, acabam por tentar disfarçá-la através das artes e das "belas formas". Para amenizar a feiura de seu espírito, eles se enfeitam com palavras, com o gesto, com decorações, se exibindo de seus bens, ou seja, procuram com o exterior, a aparência, criar uma realidade ilusória, pelo tédio e pelo desgosto do que há em seu interior, como afirma Nietzsche: "a mim me parece, às vezes, que os homens modernos experimentam um tédio infinito ao seguirem juntos, e acabam por achar necessário se tornarem interessantes com a ajuda de todas as artes"<sup>31</sup>. O resultado é uma mistura grosseira de culturas de diferentes lugares, sem o menor critério eles acreditam se embelezar apenas vestindo todas as roupas, usando todos os perfumes, servindo todos os pratos "eles se preparam para satisfazer a todos os gostos: todos devem ser servidos, quer se comprazam com o que percebem como sendo bom ou mau, com a sublimação ou com a grosseria camponesa, com os gregos ou com os chineses, com as tragédias ou com as porcarias do teatro"<sup>32</sup>. Nietzsche ainda ressalta que entre esses, os melhores se encontram entre os franceses, e os piores entre os alemães,

---

<sup>28</sup> *Idem. ZBA/FEE. III Conferência. p.115.*

<sup>29</sup> *Ibidem. III Conferência. p.116.*

<sup>30</sup> *Ibidem. III Conferência. p.116.*

<sup>31</sup> *Idem. UB/CoEx – III. p.219.*

<sup>32</sup> *Ibidem. p.219.*

o que não quer dizer exatamente uma glória para os primeiros.

O quarto egoísmo é o da ciência e seus servidores, os eruditos. Para Nietzsche, a ciência é uma abstração humana, ou seja, ela é fria, árida e permanece insensível ao sofrimento do grande homem, agindo assim, ela acaba, de alguma maneira, diminuindo a sensibilidade e a humanidade daqueles que a servem. Nietzsche vê, portanto, como extremamente prejudicial que se entenda a cultura como o progresso da ciência "porque a ciência só vê em todo lugar os problemas do conhecimento, e porque, a bem da verdade, no seu mundo, o sofrimento é algo de deslocado e incompreensível, e neste caso é, no máximo apenas um problema"<sup>33</sup>.

A ciência transforma toda a existência em um simples jogo dialético de perguntas e respostas, em uma questão de inteligência, e isso deveria afastar dela o homem de conhecimento. Não é isso, porém, o que ocorre em relação ao erudito, pois nele não há um verdadeiro impulso pela verdade: "esta dedicação, porém, não pode vir do pretensível impulso pela verdade: pois, como poderia existir um impulso que visasse o conhecimento frio, puro, sem consequência?"<sup>34</sup>. Nietzsche, em um minucioso trabalho de dissecação, apresenta os verdadeiros instintos que movem os eruditos. Apesar de um pouco extensa, é importante reproduzir agora essa análise:

O erudito consiste numa rede misturada de impulsos e excitações muito variadas, é um metal impuro por excelência. Que se considere, em primeiro lugar, uma curiosidade forte e sempre acrescida, uma sede de aventuras do conhecimento, uma violência constantemente excitante do novo e do raro, opostas ao velho e enfadonho. Que se junte a isto um certo instinto dialético de despiste e de jogo, uma alegria de caçador ao descobrir as pegadas da raposa do pensamento, de tal modo que não seja realmente a verdade que seja buscada, mas a própria procura, e que o prazer fundamental resida no fato de espreitar e encurralar com astúcia e no mandar matar segundo as leis da arte. A isto se junta ainda o instinto de contradição: a pessoa está empenhada em se sentir e em se pôr em oposição as outras. A luta se torna um prazer e a vitória pessoal é aí de fato o objetivo, ao passo que a luta pela verdade é somente um pretexto. Numa boa medida se inclui também no erudito o instinto de encontrar certas verdades: por servilismo para com certas pessoas, para com as castas, para com as opiniões, as igrejas e os governos estabelecidos, porque ele percebe que presta um serviço a si mesmo colocando a verdade do lado destes<sup>35</sup>.

Nietzsche faz ainda, uma análise das qualidades, em um total de doze, que se encontram, mais usualmente, no erudito. É importante frisar também o teor psicológico que já nesse momento do pensamento de Nietzsche, apresenta-se em suas análises, como Rosa Dias ressalta: "Nietzsche, com a acuidade de um psicólogo, fareja as entranhas da alma do cientista e revela suas qualidades

---

<sup>33</sup> *Ibidem.* p.223.

<sup>34</sup> *Ibidem.* p.223.

<sup>35</sup> *Ibidem.* p.224.

mais fundamentais”<sup>36</sup>.

### O ESFORÇO PELO GÊNIO.

Em *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, onde é articulado um diálogo entre um filósofo (que, não surpreendentemente, possui grandes semelhanças com Schopenhauer), acompanhado de um discípulo, e o jovem Nietzsche e um amigo seu, é levantada a questão de que se é possível, ou mesmo necessário, a criação de estabelecimentos de ensino que visam à educação do gênio (raríssimas exceções da natureza), ou se esses, devido a sua força, poderiam tomar as rédeas, e realizar por si mesmos sua própria educação.

Nietzsche, como já dito, sempre se mostrou contrário à tendência da generalização da cultura, conseqüentemente, à ampliação desmedida dos estabelecimentos de ensino. Para ele “para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior”<sup>37</sup>. Os mais elevados, no entanto, são os que se sentem mais carentes e deslocados nesses estabelecimentos, do mesmo modo que a grande maioria dos mestres que ali lecionam, não encontram nenhuma dificuldade, pois de imediato surge a identificação de sua mediocridade com a mediocridade dos alunos.

Para Larrosa: “o espírito aristocrático de Nietzsche deve ser entendido como a aguda consciência da impossibilidade de qualquer educação que passe pelo funcionamento homogêneo e homogeneizador de um sistema de massas”<sup>38</sup>. Os defensores dessa expansão da cultura são, na verdade, inimigos da verdadeira cultura, na medida em que pretendem emancipar as massas em detrimento da educação que defende a natureza aristocrática do espírito “eles aspiram subverter a ordem sagrada no reino do intelecto, ou seja, a vocação da massa para servir, sua obediência submissa, seu instinto de fidelidade em servir sob o cetro do gênio”<sup>39</sup>. A suposta “formação da massa” que deseja obter a todo custo liberdade é, portanto, somente uma falácia que vem a entrar em conflito com esta ordem sagrada da natureza, que os criou para obedecer:

Portanto, não é a cultura da massa que deve ser nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que

---

<sup>36</sup> DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991. p.84.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *ZBA/FEE. III Conferência*. p.103.

<sup>38</sup> LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p.45.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *op cit. III Conferência*. p.104.

ficarão; sabemos bem que uma posteridade justa julgará a cultura de conjunto de um povo, única e exclusivamente segundo os grandes herois de uma época, aqueles que marcham sozinhos, e sabemos que ela emitirá um veredicto segundo a maneira como foram reconhecidos, favorecidos, honrados, ou rejeitados, maltratados, destruídos<sup>40</sup>.

Lutar contra a hierarquização natural do reino do intelecto é, para Nietzsche, lutar contra a própria força que vem do inconsciente de um povo e que busca, da mesma forma inconsciente, gerar o gênio, conservá-lo e educá-lo. Nietzsche usa mesmo a metáfora da geração materna, tamanha a importância das obrigações que possui a cultura de um povo<sup>41</sup> diante do gênio. Ainda que o nascimento do gênio seja de uma origem metafísica, ele só se realizará, de fato, quando protegido e alimentado no seio dessa mesma cultura, ao mesmo tempo que a eleva a um nível mais alto:

Mas que ele (o gênio) venha a aparecer, que ele surja no meio de um povo, que ele seja por assim dizer a imagem refletida, o jogo completo das cores de todas as forças particulares deste povo, que ele faça ver o mais alto deste povo no ser metafórico de um indivíduo e numa obra eterna, religando assim seu povo à eternidade e o libertando da esfera mutante da instantaneidade – tudo isso o gênio só pode fazer quando se tornar maduro e alimentado no seio materno da cultura de um povo – pois, sem esta pátria que o protege e o acalenta, ele ficaria na impossibilidade absoluta de abrir suas asas para seu voo eterno, e logo se distanciaria tristemente deste país inóspito, como um estrangeiro lançado às solidões inverniais<sup>42</sup>.

Portanto, é preciso um esforço por parte de todos para o nascimento do gênio, ele precisa ser cultivado. O que acontece, no entanto, é brutalmente o inverso. Não apenas esses homens de natureza superior não são incentivados, como todas as forças da cultura de seu tempo se empenham em oprimi-los, desprezá-los e ignorá-los. Aqueles que pregam que o gênio deveria educar-se por si só, na verdade fala em nome dessa cultura. Lembrando gênios alemães como Lessing, Winckelmann e Schiller, Nietzsche ressalta o quanto todos eles tiveram suas vidas dificultadas e até mesmo arruinadas pela pretensa cultura, pela indiferença e pela estupidez de seu tempo: “você não ajudaram nenhum dos nossos gênios – e querem agora criar um dogma para impedir o socorro a eles? Mas, perante todos eles, vocês foram até agora antes de tudo a resistência de um mundo estúpido”<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> *Ibidem*. III Conferência. p.105.

<sup>41</sup> Não se deve confundir “cultura de massa” com “cultura popular”. Para Nietzsche, a “cultura de massa” é aquela obtida através do sistema homogeneizador de educação e da ampliação máxima da cultura. Já a “cultura popular” está ligada aos costumes de um local, seus instintos religiosos, sua língua, suas imagens míticas, etc. Rosa Dias ainda ressalta que: “Ao separar o popular e a massa, Nietzsche quer deixar claro o perigo que corre a cultura ao permitir que as classes iletradas sejam contaminadas pelos valores de sua época. Isso ocasionaria a perda das tradições de onde o gênio se nutre e amadurece. (DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991. p.91).

<sup>42</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *ZBA/FEE*. III Conferência. p.106.

<sup>43</sup> *Ibidem*. IV Conferência. p.132.

Não se poderia imaginar o que esses homens teriam sido capazes de produzir e realizar se tivessem realmente recebido o apoio de uma instituição. Exigir o abandono dos melhores e mais fortes, justamente por serem melhores e mais fortes, é sinal apenas de uma época decadente “todos esses homens foram aniquilados: e é preciso uma fé fanática no caráter racional de tudo que ocorre, para com isso desculpar sua culpa”<sup>44</sup>. E se esses homens, depois de enterrados, recebem monumentos em seus nomes, é novamente aí a voz dessa época decadente que ecoa. Por detrás dessas homenagens na verdade há algo mais baixo: “Nietzsche vê esconder-se o ódio dos filisteus contra a grandeza que está à vista. Essa veneração serve para camuflar a incapacidade de tirar proveito do passado e para livrar-se do peso de fazer alguma coisa para o que vive e o que quer nascer”<sup>45</sup>.

Aqueles que possuem talentos de segunda e de terceira ordem, e que deveriam auxiliar o gênio em seu processo de formação e de cultivo, são também seduzidos por essa cultura moderna e acabam por negar seus instintos em troca da promessa de se tornarem protagonistas<sup>46</sup>, promessa essa que não pode jamais ser cumprida. Por falta mesmo de uma elevação moral e instinto de sacrifício eles acabam por abandonar o objetivo sagrado de toda verdadeira cultura que é o nascimento e o cultivo do gênio.

Portanto, é de suma importância a criação de um estabelecimento de ensino em que os homens possam atuar no processo de engendramento do gênio, auxiliando-os em sua formação, mas também sabendo reconhecer neles os mestres que lhes guiarão pelo caminho da cultura, o que seria impossível de se realizar sob o manto da pretensa cultura moderna e exigiria uma completa reformulação do sistema educacional. Como Rosa Dias bem resume em sua obra *Nietzsche Educador*:

Com todos esses argumentos, Nietzsche deixa claro o tratamento que os alemães dão aos seus gênios e quebra o dogma de que não seria preciso fazer nada por eles, já que os gênios, apesar de tudo, continuariam nascendo. Com isso, prova a necessidade de criar instituições para educar o corpo e o espírito do indivíduo, incentivando-o a cultivar-se e tornando-o capaz de abrigar e proteger o gênio. Isso significará um enorme esforço para os que se propõem a trabalhar para a cultura, pois terão de substituir um sistema educacional que tem suas raízes na Idade Média por um outro ideal de formação. Contudo, deverão iniciar esta

---

<sup>44</sup> *Ibidem*. IV Conferência. p.133.

<sup>45</sup> DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991. p.111.

<sup>46</sup> “Não é pequeno o número daqueles que, ainda quando seus dons sejam de segunda ou terceira ordem, estão destinados a semelhante colaboração, e só chegam ao sentimento ao sentimento de viver seu dever servindo a estas autênticas instituições de cultura. Contudo, agora são justamente estes dons que se desviaram do seu caminho por obra das artes de sedução incontestes desta ‘cultura’ da moda, e assim tornados estranhos a seus instintos”. NIETZSCHE, Friedrich. *ZBA/FEE*. VI Conferência. p.137.

tarefa sem demora, já que dela depende toda uma geração futura<sup>47</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, Nietzsche concebeu uma concepção de cultura como algo indissociável da vida, defendendo seu fortalecimento e concentração diante das tendências de expansão e redução da cultura em voga em sua época. Denunciando as figuras dos jornalistas e filisteus da cultura como os “senhores do momento”, e contrapondo a eles a figura do gênio, aquele que livra do momento atual. Nietzsche ainda apontou para a necessidade de uma profunda reforma nas instituições de ensino, em especial no Ginásio. O ensino sucumbe ali, segundo Nietzsche, devido à falta de rigor no estudo da língua materna, à erudição histórica que só se interessa em dissecar o passado, ao sentimento ilusório de uma autonomia dada aos alunos, e por fim, à falsa percepção do helenismo clássico. Tratou ainda das forças que de maneira egoísta e interessada incentivam a cultura: os negociantes, o Estado, os mediócrs que buscam embelezar-se através das “belas formas”, e, por último, o da ciência e seus servidores, os eruditos. Por fim, afirmou a necessidade de “lutar pelo gênio”, de criar estabelecimentos onde ele possa crescer e ser cultivado no seio de um povo, ao contrário do que de fato acontece.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, André de Barros. **O Ensino Nietzscheano Através do Gênio Para a Formação de Um Novo Tipo Humano**. 2004. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). – Departamento de Filosofia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- DIAS, Rosa Maria. **Amizade Estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche**. – Rio de Janeiro: Imago, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Metafísica do Gênio nas Extemporâneas de Nietzsche**. In: **Nietzsche e as Ciências**. Organização: Miguel Angel de Barrenechea. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche Educador**. São Paulo: Ed. Scipione. 1991.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **David Strauss Sectário e Escritor**. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Ed. Escala, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

<sup>47</sup> DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*. São Paulo: Ed. Scipione. 1991. p.111.

\_\_\_\_\_. **Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. – 5. Ed. – São Paulo : Nova Cultural, 1991. – (Os pensadores).

\_\_\_\_\_. **Schopenhauer Educador**. In: **Escritos sobre Educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro : PUC – Rio ; São Paulo : Ed. Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino**. In: **Escritos sobre Educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7. Ed. – Rio de Janeiro : PUC – Rio ; São Paulo : Ed. Loyola, 2011.

RODRIGUES, Eduardo José Lobo. **O Problema da Formação (*Bildung*) Em Sobre o Futuro Dos Nossos Estabelecimentos de Ensino**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos Para a Sabedoria de Vida**. Trad. Jair Barbosa: revisão da tradução Karina Janini. 3°. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Filosofia Universitária**. Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola, Márcio Suzuki. – 2° ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.